

Linguagem, educação e TICs

5

Diego Chiapinoto*

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir as relações entre linguagem, educação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Para esta reflexão, a teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) parece ser apropriada, na medida que dá conta da ação humana como uma atividade social e de linguagem. Nessa perspectiva, as TICs podem permitir um processo interativo mais diverso em contextos de educação e, em especial, alinhado a uma concepção epistemológica sociointeracionista.

Abstract: This article aims to discuss the relationship among language, education and information and communication technologies (ICTs). For this reflection, the theory of sociodiscursive interactionism (SDI) seems to be appropriate as it accounts human action as a social and language activity. From this perspective, ICTs can enable a more interactive process in different contexts of education and, in particular, aligned with an interactionist epistemological conception.

Palavras-chave: Linguagem. Educação. TICs.

Keywords: Language. Education. TICs.

* Licenciado em Letras, com especialização em Educação a Distância. Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professor no Centro de Ciências Humanas. Revisor de textos no Núcleo de Educação a Distância (Nead) da UCS. Áreas de interesse: linguística textual, educação a distância e ensino de língua materna. *E-mail:* dchiapin@ucs.br.



Introdução

Este artigo tem como propósito discutir brevemente as relações estabelecidas entre a linguagem, a educação e as TICs. No contexto de urgência de reflexões em educação que possibilitem práticas conciliadoras do processo de ensino e aprendizagem com a interação, faz-se necessário propor a adequação de ferramentas tecnológicas de informação e comunicação na efetivação de um projeto de educação interativa. Nesse sentido, surge a indagação de como se efetivam as relações entre a linguagem, aqui entendida como faculdade e ação sociodiscursiva do sujeito, a educação e as TICs.

A organização do texto se dá de forma a, primeiramente, apresentar a proposta de enfoque teórico para o tema: o ISD, bem como duas de suas principais bases teóricas; em seguida, discutir as relações entre linguagem e TICs à luz do ISD para, finalmente, acrescentar a educação e suas implicações à discussão.






Um enfoque teórico para o tema



Uma proposta teórica que permite fomentar o estudo das relações entre linguagem, educação e TICs é a teoria do ISD. A base dessa teoria está na crença de que o ser humano interage em sociedade por meio de ações de linguagem, produzidas num dado momento e num dado ambiente social e discursivo. Também conhecida pela sigla ISD, a teoria construiu suas bases, entre outras fontes, no interacionismo social de Vygotski (2005, 2006) e na teoria do discurso de Bakhtin (2003). O pesquisador de maior renome no ISD é Bronckart (2007 [1997]) da Universidade de Genebra.

Para entendermos com mais abrangência a trajetória teórica do ISD e, inclusive, os pressupostos comuns a teorias da aprendizagem, é importante tomar contato com as contribuições de Vygotski (2005, 2006) e de Bakhtin (2003), duas das principais bases teóricas do ISD.

Vygotski se ocupou do estudo e da discussão acerca dos processos de aprendizagem na coletividade. Demonstrou a importância do contato e da interação entre as crianças, tanto para a resolução de problemas prévios quanto para a criação de novos desafios de aprendizagem. A linguagem, como substrato do pensamento e seu complexo processo de desenvolvimento foram amplamente estudados por ele.



Para entender a relação do interacionismo social com o ISD, precisamos prestar atenção à importância que Vygotski deu à interação para a aprendizagem. Nessa interação, inclusive, sua ênfase maior esteve na mediação da linguagem como ponte entre o pensamento e a ação em convívio social. Seu legado, talvez mais significativo, tenha sido o papel central dado à linguagem interativa.


Já as ideias de Bakhtin (2003) centram-se nos conceitos de enunciado e discurso. Para entender o primeiro conceito, a premissa de que todo ser humano, ao produzir um enunciado, tem uma intenção, dita ou não dita, bem-entendida ou subentendida, deve ser levada em conta. Por sua vez, essa intenção não é desprovida de pressupostos lógicos, isto é, ela se filia, de alguma forma, a um discurso já estabelecido.

No entendimento da teoria bakhtiniana, o discurso está presente no fazer humano em sociedade, isto é, a atividade humana está impregnada de discursos, os mais diversos e possíveis quanto à variedade de ações do ser humano. Ao produzir um enunciado, o homem está dando forma a um discurso, ao mesmo tempo que está respondendo a discursos anteriores e antevendo respostas a discursos posteriores. Assim, essas relações fazem com que o enunciado seja provido de discurso e, ao mesmo tempo, seja sua realização efetiva na sociedade.

Outra contribuição significativa da teoria do discurso foi a superação do esquema comunicativo precedente, tradicional, que se compunha de emissor e receptor. Bakhtin (2003) acreditava que o estudo proposto por ele seria de importância fundamental para a superação desse esquema simplificado da comunicação, o qual pressupunha um emissor unilateral e um receptor passivo, sem nenhuma relação entre a mensagem e o meio ou qualquer outro elemento. Enfim, se tratava de um esquema que ignorava o papel da interação no processo comunicativo. Essa breve apresentação permite-nos compreender de forma mais contextualizada as ideias desenvolvidas pelo ISD, expostas a seguir.

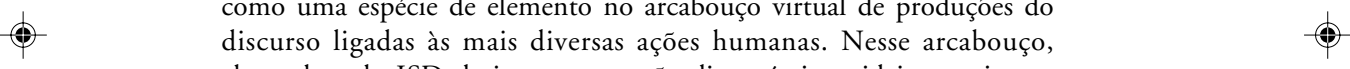
Bronckart (2007), à semelhança de Bakhtin, considera que nossas interações em sociedade se dão pela produção do discurso, daí o conceito “interacionismo sociodiscursivo”. Essa produção de discurso tem como produto o texto, unidade de ação discursiva por excelência para a teoria. Para o autor (2007, p. 75), o texto é definido como “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação)”.

Bronckart (2007) propõe o texto como unidade comunicativa. Aceita, assim, não só qualquer produção escrita, mas também textos da



modalidade oral. Ele (p. 137) acrescenta ainda que os textos são “produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais”.

Outro conceito importante para a teoria são os tipos de discurso, os quais podem ser entendidos como categorias em número reduzido de configurações do discurso humano. Sua ocorrência é universal e ligada ao funcionamento operacional de nossa mente consciente. Eles ocorrem em número limitado e estão vinculados à ação humana. Denotam um objetivo de discurso e, pela sua natureza imaterial, não são encontrados puros na realização do texto.



Os gêneros textuais, outro conceito essencial, podem ser considerados espécies de textos de relativa estabilidade, disponíveis no que o autor chama “intertexto”. Uma definição possível para o gênero de texto é a de que se trata de uma realização prototípica do discurso, regulada e determinada por práticas sociodiscursivas. Essa definição abriga, em si mesma, uma série de conceitos fundamentais para o ISD. Definir o gênero como uma realização prototípica significa considerá-lo como uma espécie de elemento no arcabouço virtual de produções do discurso ligadas às mais diversas ações humanas. Nesse arcabouço, chamado pelo ISD de intertexto, estão disponíveis as ideias gerais que permitem às pessoas em sociedade produzirem um texto a partir de um dado gênero textual. Ao mesmo tempo que elas se valem desse acervo ideal de gêneros, as próprias pessoas em interação social o alimentam na medida em que suas práticas sociodiscursivas estão constantemente produzindo novos espécimes de textos. A classificação desses gêneros não é definitiva, uma vez que eles ocorrem de forma ilimitada em sociedade – seus limites são tão diversos quanto é a diversidade das ações humanas. O que determina a escolha de um ou de outro gênero é a pertinência social para uma determinada ação.

As linguagens nas TICs

A gama de linguagens presentes nas TICs é grande. Com o advento dos recursos multimidiáticos, o vídeo e o áudio foram incorporados às já onipresentes linguagem verbal escrita e linguagem visual. Desse modo, a profusão de ferramentas tem proporcionado combinações bastante diversas de linguagens sob a forma de textos igualmente diversos.



No universo das tecnologias, se aplicarmos a teoria do ISD, encontraremos uma série de exemplos dessas ações. Por possibilitarem ambientes de interação mediados pela linguagem, as TICs estão envolvidas em um estrato rico de gêneros textuais. Aqui, se permitem duas constatações: as tecnologias podem ser, ora o suporte de gêneros antes inexistentes, ora elas mesmas constituírem um gênero de texto à parte.


Como exemplo dessa polivalência da tecnologia, podemos citar a ferramenta *blog*. Trata-se de uma ferramenta colaborativa de publicação, com possibilidade de agregar em sua estrutura outras ferramentas que lhe deem um caráter multimidiático. Podemos, sob a óptica do ISD, encará-la como um gênero de texto, com características próprias que o diferenciam de outros gêneros, como, por exemplo, o *e-mail* (esse, igualmente polivalente). Contudo, também podemos concebê-la como uma espécie de abrigo, suporte de outros gêneros de texto – muitos deles nem mesmo próprios de ambientes virtuais.

Os fóruns de discussão na internet são outro exemplo de ferramentas polivalentes. Permitem abrigar inúmeros gêneros textuais em sua composição, podendo ser considerados como suportes para esses textos. Em contrapartida, há tendências de compreendê-los como um gênero de texto propriamente dito, com características e estrutura que o distinguem de outros gêneros.

Dessa forma, parece interessante traçar distinções claras ao tratar de linguagem e de tecnologias. A não classificação tradicional dos processos de linguagem, a expansão do modelo tradicional de comunicação para um modelo mais interativo, como o proposto pelo ISD e a caracterização de contínuos para os textos são iniciativas essenciais para um entendimento mais clarificado da questão. A variabilidade e a ocorrência, assim, são aspectos importantes nesse processo, concorrendo para um olhar mais focado nesse fenômeno e apto a uma discussão mais produtora nas relações entre linguagem, tecnologias e educação.

As relações entre linguagem, educação e TICs

A educação, como uma ação humana em sociedade, pode ser entendida como uma ação de linguagem. Dentro do contexto educativo, o esforço, tanto de professores quanto de alunos, é o de dominarem um contexto discursivo próprio de uma determinada área do conhecimento.



Levando-se em conta também que as TICs podem ser entendidas como recursos de potencialização do processo de ensino-aprendizagem, entende-se que as relações entre linguagem, educação e TICs são bastante próximas.

Contudo, como em qualquer relação interdependente, a concepção de um dos elementos permite variar as concepções dos outros dois. Assim, conceber a linguagem dentro de uma perspectiva menos interativa pressupõe o uso de tecnologias menos colaborativas, culminando numa concepção de educação mais diretiva.

Na perspectiva do ISD, não cabe pensar em educação sem interação social por meio do discurso, uma vez que essa é inerente à ação humana. Assim, o uso que se faz das tecnologias na educação se torna reflexo de uma concepção anterior de aprendizagem e de ação humana em sociedade.

De modo semelhante, o texto produzido por um professor em sala de aula ou publicado na internet, para que seus alunos o acessem, carrega consigo implicações teóricas relevantes. Concebê-lo como um texto didático interativo, em última instância, como uma ação social de linguagem, que repercute em como se dá o processo de ensino e aprendizagem, é um desafio a ser perseguido na educação.

Para que isso se efetive, não somente propostas de reflexão teórica acerca das concepções de como se aprende devem ser formuladas, mas também propostas práticas de aplicação dessas ideias. Oficinas de produção de textos didáticos publicados nos mais diversos suportes, em especial, aqueles ligados às TICs, são exemplos de momentos potencialmente produtivos para mudanças em educação.

Os *blogs*, mais uma vez, são exemplos de ferramentas tecnológicas que podem ser usadas como propulsoras na construção interativa de conhecimento. Algumas características que a ferramenta favorece, como a colaboração, a autoria e a publicização, podem ser usadas para que o processo de aprendizagem seja mais efetivo.

Por outro lado, o uso que se pode fazer de um *blog* também pode ser tradicional, não favorecendo em nada a construção do conhecimento, mantendo-o como veículo de informação unidirecional e acrítico, alinhado, ainda, a uma concepção tradicional do uso da linguagem em sociedade.

Da mesma forma, outras ferramentas tecnológicas como os fóruns de discussão na internet permitem configurações diversas, numa espécie de gradação entre o mais interativo e o mais diretivo. Há aqueles em que



a proposta é que todos participem e possam aprender colaborativamente, e aqueles que mantêm o esquema pergunta-resposta.




O uso que se faz dessas ferramentas é o que lhes permite transformarem-se de veículo informativo para veículo de conhecimento. Entendê-las como ações de linguagem que, por suas características, estão a serviço do fazer humano em sociedade, permite compreendê-las como engajadas a uma corrente epistemológica de fundo.

O entendimento necessário das características de cada ferramenta tecnológica, em relação à linguagem e à concepção de educação adotadas, vem da aplicabilidade da tecnologia aos objetivos do processo de ensino e aprendizagem. Em determinados processos, algumas ferramentas podem ser mais adequadas do que outras, assim como o uso que se pode fazer da linguagem terá uma outra tonalidade. Entretanto, em educação, elementos como didatismo, interatividade e afetividade são imprescindíveis para um trabalho afinado a uma concepção epistemológica sociointeracionista.

Outro aspecto interessante das relações linguagem-educação-TICs é a possibilidade de tornar o aluno produtor de textos. Não se entenda aqui que ele os produza meramente para cumprir tarefa, mas, que ele se sinta verdadeiramente autor, vivenciando um processo de autoria. Além dessa vivência, a colaboração e a construção da autonomia são processos de linguagem que, voltados para um contexto educativo, encontram respaldo no uso de ferramentas tecnológicas de informação e comunicação.



Considerações finais

As relações entre linguagem, educação e TICs têm inúmeras dimensões. A linguagem, além de estar presente na aplicação das tecnologias, permite compreendê-las como espaços de interação sociodiscursiva. Esse entendimento nos é dado pelas contribuições da teoria do ISD. As condições da linguagem em relação às TICs, num contexto de educação, também permitem refletir acerca dos aspectos epistemológicos de fundo. Essas relações presentes dependem da concepção de educação e da aplicação da linguagem em sociedade. Se afinada a um processo sociointeracionista de aprendizagem, a aplicação das TICs na educação tende a trazer inúmeras vantagens, em especial, na construção de autonomia e no reposicionamento do aluno como sujeito em interação com os colegas e professores.



Outras possibilidades de reflexão se direcionam às especificidades de outras ferramentas apoiadas pelas TICs e suas relações com a interação, a linguagem e a educação. Como exemplo disso, podemos apontar os objetos hipermediáticos, as videoaulas e os fóruns de discussão.

O tema, dessa forma, não pretende ser esgotado aqui. Propôs-se lançar reflexões pertinentes, especialmente trazendo uma teoria apropriada a uma compreensão da linguagem em interação. Isso se coaduna com as concepções epistemológicas de maior trânsito em educação, que dão ênfase à interação social na aprendizagem e sua importância no trabalho com tecnologias aplicadas à educação.



Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introd. e trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ, 2007.

FIORENTINI, Leda Maria Rangel. A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos. In: FIORENTINI, Leda Maria Rangel; MORAES, Raquel de Almeida (Org.). *Linguagens e interatividade na Educação a Distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 15-50.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Textualização, ação e atividade: reflexões sobre a abordagem do interacionismo sociodiscursivo. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antônia (Org.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 51-64.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. *Gêneros textuais e práticas discursivas*. Bauru: Edusc, 2002.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. UCSvirtual. AVA, Fórum. PPGEduc, Curso de Mestrado, Disciplina de Tópicos Especiais: Tecnologia aplicada à educação. 2009. Disponível em: <<https://ucsvirtual.ucs.br>>. Acesso em: 15 jun. 2009.

VYGOTSKI, Liév Semiónovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 10. ed. Trad. de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2006.

VYGOTSKI, Liév Semiónovich. *Pensamento e linguagem*. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: M. Fontes, 2005.

Recebido em 16 de fevereiro de 2010 e aprovado em 29 de março de 2010.